

## APRESENTAÇÃO

Ana Paula dos Santos (UERJ)

Ana Resende (UERJ)

Anna Faedrich (UFF)

Renata Philippov (UNIFESP)

Ao utilizar, pela primeira vez, o termo “Gótico feminino” em *Literary Women* (1976), Ellen Moers referia-se àquelas obras produzidas por mulheres, que provocavam nos leitores o medo ou efeitos a ele correlatos, como o horror, o terror e a repulsa. Não por acaso, Moers menciona Ann Radcliffe, a escritora de maior êxito no Setecentos. Em seus romances, paisagens soturnas e castelos em ruínas eram descritos de modo a suscitar o efeito sublime e funcionavam como cenários adequados para possíveis aparições sobrenaturais. Além de Radcliffe, Moers analisa a obra de Mary Shelley, que anuncia, em *Frankenstein* (1831), a intenção de enregelar o sangue e acelerar os batimentos cardíacos de seus leitores, associando o sucesso da narrativa à intensidade das alterações fisiológicas produzidas no sistema circulatório de seu público.

Na virada do século XIX, já não era a visão de cadáveres em decomposição ou aparições fantasmagóricas que causava arrepios e excitava os nervos, mas os “fantasmas dentro de nós” (WOOLF, 1958, p. 59) como observa Virginia Woolf, em *Granite and Rainbow*, ao notar o interesse do público pela ficção que tematizava medos mais contemporâneos, como a opressão da mulher, o preconceito com as camadas menos privilegiadas da sociedade, os aspectos mais sombrios da vida social e doméstica em detrimento daqueles explorados pelos primeiros romances góticos. A literatura do medo ganhou, assim, novo ímpeto com a produção literária *fin-de-siècle* e

modernista de autoras como Kate Chopin, Júlia Lopes de Almeida, Shirley Jackson, Flannery O'Connor e a própria Virginia Woolf.

Ao identificar a tradição transnacional e trans-histórica da literatura do medo de autoras mulheres, bem como o legado deixado por sua produção literária nos últimos três séculos, no Brasil e no exterior, este dossiê também reconhece a importância da criação de espaços — literais ou metafóricos — para a discussão da produção de mulheres escritoras, um tema que ocupou a reflexão de várias pensadoras, desde o ensaio pioneiro de Virginia Woolf, *A Room of One's Own* (1929), sobre a condição das mulheres de letras, até o livro *How to Suppress Women's Writing* (1983), da escritora, crítica e ensaísta Joanna Russ. A advertência da autora norte-americana de que “sem modelos, é difícil trabalhar; sem um contexto, é difícil avaliar; sem pares, é praticamente impossível falar” (RUSS, 2018, p. 117) também é um chamado à ação.

O dossiê traz artigos sobre Emily Brontë, George Eliot, Emília Freitas, Júlia Lopes de Almeida, Shirley Jackson, Flannery O'Connor, Hilda Hilst, Toni Morrison, Mariana Enríquez e Liudmila Petruchévskaja, além de uma entrevista com a escritora de romances policiais Claudia Lemes e a tradução do conto “A Silvana”, da escritora e poeta russa Teffi, pseudônimo de Nadejda Aleksandrovna Lokhvitskaya.

Boa leitura!